

A ESCOLHA DO MÉTODO E O “INÉDITO VIÁVEL” ENQUANTO ANTESALA DA “CONSCIÊNCIA EFETIVA”.

MARIA DA GRAÇA SOUZA¹; JOVINO PIZZI²

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação Faculdade de Educação UFPEL – mdgsouza@gmail.com

² Prof. Dr. Faculdade de Educação UFPEL – jovino.piz@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O texto busca problematizar a correlação entre método, enquanto síntese das posições dos sujeitos entre si numa práxis educativa (professores/estudantes) e de pesquisa-ação (toda Comunidade Escolar) – e intenções dos educadores explicitadas nos seus projetos de ensino. A intencionalidade é fundamentar uma reflexão na perspectiva da Educação Popular, que se quer consolide a consciência efetiva.

2. METODOLOGIA

Ao investigar a práxis dos homens, na sua relação em uma dada realidade, exige um método em que o processo de pesquisa seja alimentado com resultados sistematizados onde ninguém é tratado como objeto. Na partilha coletiva buscaremos entender a questão do método pedagógico. Paulo Freire viveu o seu tempo em toda sua dimensão humana, compartilhava algumas idéias com os educadores que viveram com ele as experiências com a educação popular. Defendia a idéia de uma escola inserida e que fosse gestada pela comunidade local, estabelecendo vínculo entre escola e desenvolvimento econômico e democrático. Afirmava que, para além das reformas de caráter mais geral, era fundamental definir e embasar a prática com uma concepção de homem que rompe com a opressão, a democracia e a luta pelo desenvolvimento no próprio movimento da atividade educativa. A aprendizagem da democracia e a própria aquisição da consciência, entretanto, só podiam ocorrer experimentalmente, na própria vivência. Nesta perspectiva ganha consistência a insistência no diálogo, pois não é suficiente instigar os educadores para a necessidade do diálogo, mas sim consolidar procedimentos que exigissem à busca permanente de sua prática. A centralidade, neste sentido, está em entender a atividade educativa como diálogo permanente. Este diálogo verdadeiro estaria embasado nas condições de vida dos educandos e da Comunidade Escolar. Para isso, utilizaremos como um dos instrumentos as entrevistas semiestruturadas, favorecendo uma maior descrição do fenômeno social pesquisado, qualificando a compreensão da totalidade. Durante todo esse processo o trabalho será sustentado a partir das revisões bibliográficas das categorias centrais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma Escola centrada nos seus Estudantes e na sua Comunidade, toma as “situações limites” como realidades objetivas que provocam necessidades, mas que exigem uma investigação fiel a cerca da consciência que todos possuem destes limites. Uma escola que possui o seu agir pedagógico centrado democraticamente no educando e na comunidade local, vivendo as suas circunstâncias, integrada as suas vivências cotidianas, aos seus problemas, levará os seus educandos a uma nova postura , a constatação que os achados de uma pesquisa, construída a várias mãos, oferece respostas emancipadoras, substituindo a mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições de vida . Escola que se faça uma verdadeira comunidade de trabalho e de estudo, poderá levar aos educandos e a própria comunidade, a construção e a criação, num movimento que desenvolva uma consciência efetiva e coletiva. Empoderando os sujeitos para enfrentar suas dificuldades, resolver questões, rompendo com programas rígidos que escravizam crianças e educadores.

É importante defender que, embora a escola mantenha uma práxis bancária, o educando pode, assim mesmo, manter vivo em si o gosto pela rebeldia, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de fundar o “inédito viável”. Criando as condições para sair das amarras do “bancarismo”, construindo o verdadeiro conhecimento. Tudo isto não passa desapercebido pela opção que assume o educador frente a uma educação bancária ou problematizadora. O método é uma provocação para a percepção ativa do aluno relacionada ao contexto e a palavra, assim ele tem a possibilidade de ir identificando, por ele mesmo, o código linguístico. Com recursos disponíveis como: desenho, cartaz, *banner*, fotografias, etc.., criando situações que aguçem nos sujeitos sua percepção de seu mundo, a observação mais atenta de suas feições e dos modos como se apresentam e seus modos de ser, reflete sobre isso com referência no seu *saber de experiência feito* e, associando esse contexto com palavras do vocabulário das próprias pessoas, previamente escolhidas em função de sua importância semântica e da sua adequação lingüística para os fins de alfabetização, desencadeia o movimento de aprendizagem.

A atividade consiste em avançar as pesquisas e o desenvolvimento de estratégias provocadoras dos sujeitos em diferentes escolas. Há uma melhor percepção do método. A perspectiva é organizar os processos educativos provocando os colonos sobre aspectos importantes das relações vividas por eles e subsidiados por algumas referências contextualizadoras que percebemos como significativas. A ideia é utilizar um instrumento que chame a atenção sobre relações da realidade e provoque nos camponeses a necessidade de debaterem, não apenas as relações entre palavras, mas as relações históricas que as palavras representam. A metodologia freireana, por outro lado, se desdobra em uma nova concepção do trabalho intelectual. A escolha das categorias enquanto indicativo, isto é como referência, não se consolida se não considerarmos, na dimensão central, a práxis dos sujeitos. O trabalho teórico não se completa sem a ação do mesmo sujeito. O trabalho que não se completa sem a ação do sujeito empírico é próprio do trabalho intelectual. Logo um intelectual, que pode ser tanto o professor quanto os estudantes com a condição que não perca a radicalidade comentada acima. Nossa trabalho intelectual não se completa com o fato de eu despejar um conteúdo. Completa-se no momento em que a pessoa com quem dialogo, com as referências, os conteúdos e os temas com que eu estiver trabalhando, organizar seu conhecimento, sua síntese de conhecimento a partir da sua realidade mais próxima.

As idas ao Assentamento Renascer, as conversas com os assentados, professores, funcionários, estudantes me impuseram a necessidade de levar em consideração um dos atributos de todo o homem, o atributo político no seu sentido amplo, enquanto aquele que pensa a organização do assentamento desde a localização das casas para que tenham acesso direto a estrada, a divisão dos lotes para que fiquem contemplados com as bacias de captação de água, a criação da Cooperativa do Leite que tem possibilitado estabelecer discussões com outras cooperativas que tem uma visão mercadológica, mas que no momento se torna indispensável aos camponeses visto que oferece uma estrutura de coleta do leite que diminui a perda na produção.

Já registrada na pesquisa estará a consolidação da implantação da Escola, que em 1999 foi pauta de luta e mobilização de todo o assentamento. Nos dias atuais, segundo a direção da Escola Oziel Alves é permanente a luta pela participação dos pais na escola, a fim de que tenham a possibilidade de avaliação permanente dos conhecimentos sistematizados pela escola.

Os educadores encontram dificuldades em redimensionar o projeto político pedagógico que, na avaliação dos próprios educadores, está carecendo ser atualizado, permanece a questão de que ele está colocado na práxis e não registrado dado às resistências com o mundo letrado. Salientamos a luta para que as decisões sejam tomadas coletivamente com co-participação e co-responsabilidade, encaminhando para uma vivencia coletiva mais democrática. Em uma condição de não-subordinação, homens e mulheres recriadores e transformadores se colocam em relação, operam e transformam o mundo.

Outro aspecto que considero relevante é a naturalidade dos homens e mulheres, que antes de chegarem ao 2º distrito de Canguçu, partiram de diferentes lugares deste estado, o que caracteriza o assentamento com uma riqueza consolidada na diversidade política, social, cultural e religiosa, portanto esta não é uma tarefa das menos árduas, a democracia deve caminhar com todos, aceitando e respeitando as diferentes ideias, possibilitando a consolidação de uma nova comunidade.

A criação de espaços de participação, seja através da escola, através da cooperativa ou de assembleias gerais possibilita a reflexão crítica, a responsabilidade e a co-responsabilidade dos seus "quefazeres". Em uma comunidade que se quer democrática, a ferramenta é o diálogo que permite dizer a palavra enquanto poder de decisão. Através do diálogo a palavra se torna existência. É deste diálogo que quero abordar, o que no dizer de Freire (1982) é um encontro amoroso dos homens que estando mediatisados pelo mundo, não só o pronunciam, mas o transformam. O que cria, no caso dos camponeses um outro jeito de viver, em que há o encontro entre o presente e o passado, permitindo nascer a história, enquanto "o tempo dos acontecimentos humanos".

A pesquisa vem apontando a necessidade de rearticulação do Fórum Permanente de Debates, um espaço que durante a pesquisa do mestrado criou a possibilidade que, através da escola, se organizasse a possibilidade de pensar estratégias de enfrentamento das situações-limite vividas pelas famílias do local desde a relação micro como as queimadas que ainda são significativas e seu impacto ambiental, a preservação da reserva de angicos.

E na centralidade desta reorganização entra o debate da herança das políticas neoliberais que privilegiam o agronegócio em detrimento da agricultura familiar e agroecológica. A escolha por uma relação dialógica como base para movimentar o processo de ensino-aprendizagem, deveu-se ao fato de se reconhecer que a sua proposta, está de acordo com os princípios orientadores

para a educação básica do campo, buscando o incentivo e reconhecimento da expressão dos "saberes e fazeres" de todos os envolvidos.

Neste sentido, na realização dos reencontros com a realidade hoje no Assentamento Renascer, pôde-se verificar que, de maneira clara, há uma mudança na forma coletiva de trabalho, o que implica a forma de convivência e efetiva troca de conhecimentos diversos, próprios do "local", e é óbvio que optamos por extrair as temáticas a partir desta realidade, buscando compreender o que efetivamente mudou na organização do trabalho e as consequências para o lugar onde é produzido.

4. CONCLUSÕES

Ao falarmos genericamente de uma coisa que pode servir para qualquer escola e qualquer totalidade, para qualquer sujeito, para qualquer colono, podemos estar falando metafisicamente. Myles Horton em *O Caminho se faz Caminhando* alerta para não perdermos o lugar, o contexto, a condição histórica específica a partir da qual os sujeitos organizam e desenvolvem sua práxis. Ele próprio contou a idéia da escola Highlander: Com os professores necessitamos discutir seus temas dobradiça em cada área de conhecimento. A equipe docente de um determinado lugar, por exemplo, Assentamento Renascer- E.E.E.F Oziel Alves Pereira, precisa criar os espaços para orientar sua reflexão com perguntas diretas como, por exemplo: O que ensinamos da geografia dialoga com o espaço do Renascer, de que forma? A Matemática ou a Ciências contribui para os assentados se pensarem e refletirem seu espaço de vivência? Os professores podem utilizar referências e incluí-las nos programas de ensino, para que os ajudem a discutir um tema gerador evocado pelos colonos, pelas famílias ou pelos próprios alunos na escola do assentamento.. A ação educativa pode estar consolidada de forma metafísica, é preciso construir a sua superação no sentido radical da palavra. Na perspectiva de Myles Horton, isso diz respeito ao fato de que enquanto não temos vínculos com um lugar, com um ponto espacial de referência, necessariamente abordamos a respeito desse espaço de maneira metafísica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire.** São Paulo: Brasiliense, 2004, 25ª reimpressão, p. 22.

FREIRE, Paulo. Educação, um sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.) **O Educador: Vida ou Morte; escritos sobre uma espécie em perigo**, 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 89-101.

FREIRE, Paulo e HORTON, Myles. **O Caminho se faz Caminhando; conversas educação e mudança social**, 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 24.